

Discurso no 30.º aniversário da Faculdade de Filosofia

Pelas ordinárias medidas do tempo, 30 anos conteriam uma geração humana, marco apenas suficiente para algumas vidas e presenças, alguns feitos e realizações na maioria das vezes efêmeros e evanescentes. Assim também, para o comum das instituições, fadadas a um longo processo de amadurecimento e a uma duração prolongada, quase nunca há o que celebrar no lapso realmente breve de três decênios. Mas as empresas carregadas de sentido, inspiradas de grandeza, decididas, desde que surgem, a uma obra de valor, essas bem podem, como a Faculdade de Filosofia da Bahia, orgulhar-se de tão curta existência e, sobretudo, inspirar-se nessa fase para se projetar muito adiante e muito mais ao alto. Trinta anos que não foram um acaso, uma improvisação, uma simples coincidência de circunstâncias favoráveis, mas um convergir de pensamento e de meditação, de energias e vontade, de forças domadas e orientadas para um propósito situado para além do medíocre e do passageiro; esses trinta anos bem podem pretender o reconhecimento

dos que os viram passar e particularmente dos homens e das instituições que nos mesmos se acharam participantes e responsáveis.

Creio mesmo que tais anos, na história gratíssima desta Faculdade, mergulham e aprofundam e firmam e seguram as suas raízes noutros tantos anos de preocupações e estudo, de corajoso e ardente senso de responsabilidade pública, de lúcida e penetrante visão daquele que foi o artifice dessa obra que hoje celebramos, balizada nesses primeiros decênios e votada a um porvir que se projeta muito além dos nossos dias. Isaías Alves tem o seu nome, o seu espírito, as suas inspirações e ideais, as suas lutas e porfias, as suas vitórias e triunfos identificados intimamente a esta Faculdade desde que a mesma, por sua iniciativa, começou a organizar-se, sob o patrocínio da Liga de Educação Cívica, a tomar corpo, a levantar a consciência cívica e cultural da Bahia e finalmente a fundar-se e começar a sua obra educativa e formadora. Isto seria mais que bastante para exaltar-lhe o nome e as realizações, testemunhando a veneração que lhe votamos aqueles que, mais de perto, ou, modestos e menos próximos, tivemos alguma parcela nos trabalhos que nos irmanaram sob sua tutela espiritual, e agora volvemos o olhar para o período. Entretanto, muito antes começara o trabalho que havia de assegurar a solidez e a perfeição da obra a que se deu o criador da Faculdade, exatamente porque esta não foi um sucesso de circunstância e de oportunismo, nem uma floração casual de tendências que na época vicejassem noutras partes. Ainda quando as primeiras organizações do mesmo gênero já houvessem sido criadas, em São Paulo e no Rio, sob o impulso das inteligências privilegiadas de Armando Sales de Oliveira e de Anísio Teixeira, tem a nossa Faculdade, a Faculdade de Filosofia de Isaías Alves, a singularidade de uma longa e meditada elaboração na sua experiência de mestre, de educador e de educacionista, de investigador dos problemas brasileiros de Educação, de membro do Conselho Nacional de Educação, de experimentalista e inovador nos campos da Psicologia Educacional e da Didática. Desde jovem, muito jovem, já notório pelo seu senso de responsabilidade cívica e de dedicação às questões de formação política do nosso povo e por força de sua orientação moral, disciplinada, ascética e religiosa, Isaías dedicou-se a pensar e excogitar os meios pelos quais a Nação havia de alcançar os seus objetivos de civilização, de ordem, de justiça. Cedo tornou-se um adepto dos métodos educacionais que, a par da instrução e da ilustração, fizessem do caráter o baluarte das personalidades e o cerne da nacionalidade. Fez-se um adepto e um mestre, pelo exemplo de desprendimento, de coragem na adversidade, de confiança no homem, de uma filosofia do esforço inspirada de espiritualidade cristã e de civismo. No ensino elementar e sobretudo no secundário, em

que, à imitação de grandes mestres brasileiros, se consagrou uma figura paradigmática, distinguiu-se por toda sua exemplar existência como um modelador de almas e de vontades que sabia, inclusive, prevenir e premunir seus discípulos do que havia de humanamente mais débil em sua própria personalidade. Essa debilidade, se assim a podemos chamar, era, aliás, a impaciência ante as fraquezas comuns do homem, ante a imperfeição, ante a indisciplina que queria forte mas aceita e vivida como uma virtude, ante a improvisação e a impostura que o horrorizavam. Cultor de um sistema moral voluntarista e de uma profunda espiritualidade de cunho místico, sabia ser sobreexcelesantemente humano e até liberal, a ponto de desmentir os que suspeitaram, em prematuros e mal fundados juízos, que imprimiria à sua Faculdade qualquer compromisso ideológico de que se houvesse imbuído pelo ardor do patriotismo. O trato dos problemas educacionais, em todos os seus planos — o do exercício do ensino na escola elementar e no ginásio, como no normal, o da administração no terreno específico, o debate e a análise de questões de organização e de legislação do ensino, o estudo acurado, paciente e sobretudo crítico das teorias, doutrinas e experiências da educação —, a que se dera por inteiro, abandonando as promessas da carreira da advocacia, muito precocemente o fizeram partidário da elevação crescente da preparação do professorado primário e da necessidade de uma formação especial, de nível superior e suficientemente extensa, do professorado da escola média como instituição destinada a moldar o cidadão e o candidato aos estudos superiores. Muitos anos antes que qualquer um houvesse sugerido ou indicado coisa da mesma natureza, já em 1908, Isaías Alves concebia e preconizava a criação, no sistema educacional brasileiro, de uma Faculdade de Educação que teria as funções e responsabilidades das que mais tarde se instituíram em Faculdades de Filosofia, englobando um setor privilegiado para a Didática, a Pedagogia, a Administração Escolar.

Foi com esse plano, amadurecido e atualizado às condições e exigências da época, que nos anos 40 veio a projetar e organizar a unidade universitária que, no modelo de então e numa concepção ainda válida e fecunda, seria o centro e a base, o fundamento, a porta de entrada e o fecho de uma autêntica universidade. Em documento memorável, traçando o que bem chamou de "Missão nacional e humana da Faculdade de Filosofia" que acabava de estabelecer e presidir e animar com o seu idealismo e a seriedade de suas concepções, Isaías afirmou que se estava a romper a estreiteza dos programas de formação por assim dizer exclusivamente profissional de todo o período do Império e da República até 1930 e, por isso mesmo, a nova escola estava comprometida a "percorrer, em

busca da verdade, um longo caminho que se não descobre hoje em uma ciência, mas em todas as ciências; em uma cátedra, mas em várias cátedras, em diligente cooperação; por uma inteligência, peregrina que fosse, da amplitude e flexibilidade da de Aristóteles, mas por grupos de inteligências esclarecidas e humildes, capazes de confessar as próprias deficiências e de se ajudarem das luzes dos comungantes do ideal". Não se cuidava de criar apenas mais uma casa de ensino de repetição e memorização, de conservantismo amedrontado pelo progresso, de submissão às certezas proclamadas, de auto-suficiência magisterial, um ginásio mais adiantado, alguns cursos de ilustração e arejamento da curiosidade intelectual... Era meta sua, que propugnava e incutia, que debatia com seus colaboradores e com os que, escolhidos com cuidado e severidade de julgamento, haviam de inaugurar os estudos humanísticos de nível e conteúdo e concepção superior na Bahia, relegar "o orgulho do autodidatismo e a certeza e auto-suficiência do dogmatismo, duas formas simbólicas de resistência à verdadeira cultura, criadores de processos semelhantes à esporulação do saber estático, que se não transforma à influência dos agentes exteriores". A Faculdade era incitada a cultivar "uma atitude de receptividade e vibração, na qual a inteligência jovem dos alunos encontraria estímulos e prudentes conselhos, características fundamentais do espírito universitário, que deveria fomentar, em colaboração com as faculdades irmãs, mais antigas na liça do labor cultural". Para atingir essa meta, cujo ápice haveria de ser o espírito filosófico, conclamava mestres e alunos a um esforço árduo de repensar os problemas nacionais, a inserir no exame dos mesmos e no planejamento do futuro longínquo ou dos dias imediatos um severo senso crítico, a racionalidade das ciências, os hábitos de estudo e de indagação, o humanismo das ciências sociais, o senso estético das artes, da literatura, da linguagem. Assim, ao mesmo tempo sonhava e planejava nessa combinação, que lhe era muito característica, de mística e pragmatismo, de esotérico e manifesto, de intuitivo e analítico, de brando e explosivo.

Prevendo as exigências dos dias que se aproximavam céleres, com a forte presença da ciência e da tecnologia, mas também das ciências sociais, fazia um veemente apelo às investigações científicas, em ordem a "subordinar o mundo cósmico ao domínio do homem; aumentar-lhe as possibilidades de conforto, para maior esforço de humanização da vida; esclarecer-lhe os mistérios da natureza", mas também arejar e iluminar as mentes, orientar as sociedades, inspirar os governos para vencer "o ódio e a vingança, a injustiça e a covardia, o despotismo e a guerra". A sua Faculdade, que assim bem poderia considerar a entidade para a qual congregara toda a Bahia, graças ao seu idealismo e à seriedade de seus planos, surgia desti-

nada e decidida, segundo suas próprias expressões, a ser uma aliada natural das Faculdades já existentes e das que, com ela, constituiriam a nossa, muito nossa Universidade da Bahia, no estudo das soluções que esperavam os complexos problemas de nossa terra, de nossos irmãos do campo e da cidade, do alargamento das relações comerciais, jurídicas, políticas, da multiplicação das atividades industriais e mercantis de que, até certo ponto, dependia o bem-estar de todo o povo brasileiro. E se assim fazia certa reserva, já àquela época, à hipertrofia das preocupações com o progresso ou o mero crescimento material, com o fortalecimento material, com o conforto físico e o gozo hedonístico da existência, é porque cria que antes do mais eram a liberdade responsável e a perfeição moral as luzes pelas quais a humanidade necessitava guiar-se.

Não ficou em românticos propósitos, em prognósticos ufanistas, em utopias fantasiosas, a obra que encetava. Muito ao contrário. Como era do seu adamantino caráter, de homem que no mais duro do sofrimento e da diminuição de suas energias nos legou um exemplo edificante de coragem, de persistência, de superioridade moral — o regimen em que fez funcionar a Faculdade foi, acima de tudo, o do trabalho perseverante, o da seriedade no estudo e na comunicação do saber, o da verificação cuidadosa, humana, mas exigente, da aprendizagem, num clima de liberdade de pensamento construtivo e criador, de que podemos dar desinteressado testemunho professores e alunos; numa escola que, ao contrário de certas previsões pessimistas, permitia que a discussão inteligente, o diálogo das idéias e o entrecchoque dos ideais — de que nos estamos desacostumando, muito a contragosto e com imprevisíveis consequências. Por esse modo, fez desta instituição um santuário de idealismo, uma escola de respeito ao pensamento, um cadinho, uma forja de caracteres. Não é necessário recordar agora o papel que a Faculdade, imediatamente ao ser concebida e até antes de seu funcionamento oficial, passou a representar no meio baiano. As conferências, as palestras, os cursos por professores, investigadores, artistas, escritores do País e de vários outros países marcaram um período de elevação dos interesses intelectuais, iniciaram um ciclo de intercâmbio, contribuíram para aperfeiçoar os planos iniciais e deram, indubitavelmente, uma nova dimensão ao ensino superior, de tão nobres e valiosas tradições, na Bahia. Não somente isto; a Faculdade fez-se uma representante, uma intérprete, u'a mestra de estudos brasileiros no Exterior, pelas suas publicações, pelos cursos e conferências de membros do seu corpo docente na Europa e na América, pela dezena de cargos de leitores de estudos brasileiros por diplomados seus em Universidades européias, americanas e africanas, do mesmo passo que expandia sua influência cultural e sua cooperação a congêneres de outros dos nossos Estados.

Ainda quando a precariedade de recursos financeiros, as insuficiências naturais do meio, as dificuldades inevitáveis de um ensino de nova natureza limitassem o alcance das iniciativas programadas, não há como negar à Faculdade os títulos com que, em honra de seus méritos e para proveito da própria Universidade, veio a adquirir quando da instituição desta e da federalização daquela. A obra de que hoje se jacta a Faculdade, tão influente em certos domínios e tão presente e atuante em determinados problemas da Universidade, não foi, entretanto, labor absorvente, pretensioso e egocêntrico de um homem. Desse homem, que foi e será sempre o patrono da Faculdade e de tudo que da mesma deriva no multiplicado e complexo organismo universitário de hoje, se pode e se deve dizer, por amor da justiça, que é uma pira ardente de grandeza moral e de sabedoria, mas também um modelo de capacidade para reunir e aglutinar em torno, menos de si mesmo do que de um ideal e de um programa a cumprir com devotado desprendimento, uma plêiade numerosa e escolhida de colaboradores que se movia como uma grande constelação numa órbita larga, audaciosa, mas, desde seus primeiros dias, consciente de suas limitações e insuficiências.

Direis, Senhores, que este elogio ou esta oração de regosijo banha-se abundantemente sentimentos de admiração irrestrita e destituída de senso crítico. Felizmente, não faltaram nunca a qualquer dos que labutaram nesta Faculdade motivos para uma grande admiração pelo vulto invulgar de Isaiás Alves. Alguns lhe conheceram as arestas, por vezes duras e cortantes, e os contraditórios elementos de uma personalidade que sobrelevava ao comum exatamente por suas excepcionais qualidades de talento, como de nobreza moral. Na verdade, o que explica o calor destas palavras, com que penso interpretar a vontade e os sentimentos dos muitos colegas, uns infelizmente já desaparecidos, outros repousando dos labores comuns, ainda alguns dispersos por outras unidades sem, todavia, esquecerem os seus laços originais com esta célula-máter da Universidade, e, finalmente, com aqueles privilegiados de muito do que há 30 anos se plantou e viu germinar e florir e frutificar, é como que o reconhecimento de que a nossa Faculdade representa um esforço por bem cumprir seus deveres, suas funções, seu destino e a consciência de uma tarefa a realizar com modéstia e confiança, sob o influxo de uma inteligência e uma vontade excepcionais, as quais se excitaram, aqui, em traçar um programa e em procurar executá-lo com espírito crítico, de tal maneira que esse mesmo inspirador, enquanto lho permitiram as forças da alma e as do corpo, não cessou de analisar e de recriar a obra de que a tantos de nós fez corresponsáveis. Assim agiu desde os tempos, por assim dizer heróicos, em que a Faculdade era um organismo privado, que somente

a generosidade munificente e a compreensão de toda a sociedade baiana amparavam, até aquelas outras fases de incorporação à Universidade da Bahia e de federalização, em que veio, pelos imperativos da reforma universitária, a multiplicar-se em diversos institutos, preservando, todavia, graças à sua alerta consciência dos interesses do ensino e da cultura, este núcleo que hoje nos congrega como Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, centro de estudos humanísticos, base e fulcro e acabamento de toda a verdadeira formação superior universitária, votado à indagação, à compreensão e ao ensino dos problemas humanos.

O ardor desta oração também se explica pela herança que a Faculdade colheu e assumiu, dos desígnios e das tradições do Colégio das Artes, a primeira escola superior de "estudos gerais" de toda a América que há quatro séculos a profética percepção dos destinos do Brasil, a ilustrada sapiência e a fervorosa piedade dos jesuítas, criadores da Cultura e da Educação em nosso País, lançaram e fizeram render esplêndidos frutos intelectuais e espirituais neste mesmo chão e entre estas paredes da grandiosa empresa inaciana em que agora se ouvem as lições dos nossos mestres, mais modestas, por certo, mas não menos sérias nos seus propósitos, no seu entusiasmo e nas suas esperanças para com a mocidade brasileira. Não são menos para estimular-nos, estudantes que somos das Humanidades, o 4.º centenário, exatamente este ano, da publicação de *Os Lusíadas*, o grandioso canto das navegações lusas, de Luís de Camões, o maior vate do nosso idioma, e muito mais próximo, marcante e significativo, o cinquentenário da Semana de Arte Moderna, de tantas repercussões na cultura brasileira.

Outros encorajadores estímulos e emulações nos chegam ainda em nossos dias do mais que sesquicentenário Colégio Médico-Cirúrgico e da Faculdade de Medicina da Bahia, fundadores da Medicina brasileira e centros de consagrados estudos humanísticos. Neste venerando salão ecoam vozes inspiradoras e se recordam conquistas científicas e humanitárias, cujas lembranças e símbolos a nossa Faculdade, que nunca os profanou, admira e reverencia procurando corresponder à generosa e espontânea oferta que a Faculdade irmã, com a prévia autorização do Conselho Universitário e do benemérito Reitor Roberto Santos, lhe fez do privilégio de partilhar destes muros e recintos impregnados de tantas vozes e feitos insignes. Exalta-nos, do mesmo modo, a coincidência deste aniversário com as comemorações patrióticas do sesquicentenário político da Nacionalidade que na Bahia culminam o preito à memória do pai da Nacionalidade, agora repousando numa catedral que é exatamente a antiga capela desse conjunto arquitetônico e institucional que nos liga aos primórdios da Pátria.

Por muito que se envaideça esta Faculdade dos seus primeiros anos, não sabe a mesma calar, quanto se sente enaltecida como órgão e participe da Universidade Federal da Bahia. E é como tal que agora rememora e celebra aquele período, regozijando-se igualmente de haver conquistado um lugar ao lado das tradicionais e beneméritas escolas superiores do antigo regímen do ensino superior e das que, mais recentemente, se haviam pioneiramente criado — conquista, aquela, devida à generosidade de julgamento dos responsáveis de então pela Universidade, de entre os quais é ponto de honra exaltar, como de há muito o fez erigindo-lhe um perene monumento em sua sede anterior, ao primeiro Reitor, o eminente Prof. Edgard Santos. Quanto essa incorporação concorreu para encorajar a nossa atividade didática e investigativa e quanto lhe faz esperar, difícil seria exprimir, mas fácil nos é reconhecer e proclamar. Contribuem, agora, para tanto as responsabilidades que a Faculdade tem na administração e coordenação dos estudos e das pesquisas na Universidade e a ascensão, pela primeira vez, ao mais alto posto daquela de um dos nossos, um dos fundadores e obreiros desta construção, um dos componentes da velha Congregação como seu catedrático, o insigne Prof. Lafayette Pondé, cuja mentalidade de jurista e de humanista explica a sua compreensão e o seu interesse pelos problemas desta nossa instituição e, mais que isto, a maneira estimulante ainda que solícita e dignamente informal com que leva, em pessoa, a Universidade aonde surja um problema cultural relevante.

Os motivos de regozijo desta data não receberiam nossa justiça se não acentuássemos também o trabalho devotado e os altos méritos dos funcionários da Faculdade, dando o suporte administrativo indispensável ao labor do ensino e da indagação. Permita-se-nos destacar essa cooperação, escolhendo como expressão significativa, pela dedicação, pelos dotes pessoais, pela competência, que tem iguais em tantos estimados companheiros dos primeiros dias e desse período de 30 anos, a figura tão simpática e querida de Helena Cruz, de cujo elogio não podem ter ciúmes seus muitos companheiros de diuturno e modesto esforço, tanto é a administração unânime da Faculdade por todos, sem exceção.

Em meio ao professorado muito mais dificilmente escolheríamos uma personalidade, um vulto, além do fundador, que corporificasse os ideais agora ressaltados. O salão da nossa Congregação é um panteon de saudades e reverência por cerca de uma dezena de colegas eminentes e cheios de méritos na porfia pela criação e consolidação da Faculdade. Como destacar esse ou aquele? Entre os que estão ainda conosco, ativos e presentes, realizando meritariamente suas tarefas e dando honra e luzimento ao nome da Facul-

dade, ou continuando seu trabalho nas unidades que esgalharam, deste forte tronco, seria também árduo por algum em relevo particular. No entanto, não é tão difícil, se bem a considerarmos, uma escolha, quando esta incide na personalidade equilibrada, esclarecida e muito nossa estimada do atual diretor, o Prof. Joaquim Batista Neves, o ditoso e meritório paraninfo destas festas, em quem revemos os colegas da velha guarda e os mais jovens e renovadores da investigação e do ensino e os que o precederam nas suas altas e tão bem desempenhadas responsabilidades.

Creio que apontaremos com justiça, entre os aposentados, um que, com os mesmos cabedais de serviços e merecimentos, é razão de orgulho nosso e de alegria por vê-lo e acompanhá-lo na válida e enérgica avançada idade como exemplo de saber e de incansável estudo, o emérito Prof. Frederico Edelweiss. Deve-lhe a Faculdade o haver inaugurado sabiamente o ensino e as investigações sobre as línguas indígenas do País, particularmente o tupi clássico, de que é incontestemente a maior autoridade brasileira atual e nome consagrado nos meios universitários de outros países, por suas lições e suas acatadas e rigorosas publicações; historiador, pesquisador severo e escrupuloso, seguro e erudito, os seus estudos e pareceres também o fizeram um do luminares em nosso País; estudioso paciente, metódico, bem orientado, a par de esclarecido bibliófilo, Frederico Edelweiss é o colecionador e construtor, na Bahia, de uma das mais completas e escolhidas bibliotecas especializadas em etnografia, lingüística aborígene e história nacional e baiana de que o Brasil se pode orgulhar. Benfeitor, assim, dos estudos a que se dedica e que, em larga medida foram estimulados pelo senso de suas responsabilidades como catedrático desta Faculdade, é, ademais, modelo de modéstia e recato que completam sua eminente personalidade. Para engrandecer-lhe os méritos, tem a preocupação e o desejo de que a sua excepcional biblioteca, há muitos anos aberta a todos os estudiosos da terra e de fora, continue na Bahia a serviço dos mesmos interesses para que foi constituída, íntegra, íntegra e sempre adicionada de novos valiosos elementos. O destaque de sua pessoa é uma homenagem aos que na Faculdade tiveram ou têm preocupações idênticas e o mesmo zelo pelo trabalho silencioso e pertinaz da procura do saber e da comunicação deste aos numerosos alunos que passaram e aos 6 mil e tantos que seguem passando por salas de aulas cheias de tantas gratas recordações ou que já projetam fora destas os frutos do espírito colhidos nas mesmas. Muito mais árduo seria honrar em um só desses alunos aos milhares que aqui têm vindo buscar os métodos e os dados que fazem digna a vida intelectual e profícua a capacitação profissional. Todos estes são, nesta jubilosa fala gratulatória — de que é apenas portador

agradecido um velho professor aposentado que não se esquece nem se afasta deste convívio tão grato — agora e aqui honrados na lembrança da primeira turma da Faculdade, a primeira a merecer os graus acadêmicos, por entre tantas alegrias nossas, em 1945, hoje dispersa como frutos de uma semente bem plantada, servindo e distinguindo-se no ensino médio e superior, na administração educacional, nas ciências e nas letras, na ação pública, na diplomacia, no jornalismo, nos negócios.

Demos finalmente, mas não por último, graças a Deus, que esta manhã invocamos, e à mediação eficaz desse terno Santo Antônio, "sol brilhante que em Lisboa, França e Itália deu a luz mais rutilante", escolhido por Isaiás Alves para patrono de sua Faculdade, por tudo quanto, nesses 30 anos de existência e trabalho, nos permitem celebrar.

THALES DE AZEVEDO